



Revista Portuguesa de Estudos

Regionais

E-ISSN: 1645-586X

rper.geral@gmail.com

Associação Portuguesa para o
Desenvolvimento Regional
Portugal

Peres de Castro, Joaquim Filipe

Os efeitos da aculturação no vaivém da emigração continental: um estudo de caso em
melgaço

Revista Portuguesa de Estudos Regionais, núm. 25-26, enero-abril, 2011, pp. 67-76
Associação Portuguesa para o Desenvolvimento Regional
Angra do Heroísmo, Portugal

Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=514351890005>

- ▶ Como citar este artigo
- ▶ Número completo
- ▶ Mais artigos
- ▶ Home da revista no Redalyc

OS EFEITOS DA ACULTURAÇÃO NO VAIVÉM DA EMIGRAÇÃO CONTINENTAL: UM ESTUDO DE CASO EM MELGAÇO

Joaquim Filipe Peres de Castro - Psicólogo e Psicoterapeuta - E-mail: titodecastro@hotmail.com

Resumo:

O objecto de estudo é a emigração melgacense desde meados do século XX e as diferenças socioculturais entre os melgacenses com experiências emigratórias e os residentes, as quais resultam num conflito sociocultural entre ambos os grupos. Os melgacenses com percursos emigratórios percepcionam a existência dum separação sociocultural face aos residentes. A diferenciação sociocultural revela-se através da aculturação no uso da língua estrangeira, na construção da casa “afrancesada” e na ostentação económica. No uso da língua estrangeira, os melgacenses com percursos emigratórios sentem-se aculturados, no entanto, não se percepcionam como parte interdependente das tensões sociais. Na problemática da casa “afrancesada”, a aculturação laboral é desvalorizada pelos questionados, sendo, no entanto, valoriza pelos informantes privilegiados e pelas profissões mantidas no espaço de acolhimento e pelos sujeitos com ensino superior. Emigrar, em Melgaço, ainda significa ascender a um estatuto social mais favorável. E, efectivamente, os melgacenses com percursos emigratórios percepcionam-se como tendo ascendido socialmente. Os comportamentos dos residentes são percebidos na base da inveja e não como uma redefinição das posições sociais ou através de condições objectivas de ambos os espaços. No registo do conflito social propiciado pela aculturação, não se percebem como fonte de tensão social. Conquanto, a relativa melhoria das condições de vida, a ascensão económica parece não ter efeitos positivos, uma vez que a melhoria técnico-profissional é escassa, as remessas têm diminuído, o investimento, agora, é feito no espaço de acolhimento e a desertificação humana e física têm aumentado. A relação mantida entre ambos os espaços é assimétrica, sendo que, no entanto, a aculturação não é percebida como fonte de tensão social.

Palavras-chave: Emigração, aculturação, diferenciação sociocultural, conflito social, aculturação assimétrica.

Códigos JEL: J11, J15

Abstract:

The research focuses on the melgacense emigration since mid-twentieth century and the sociocultural differences between melgacenses with emigration experiences and the residents, which resulted in a social conflict between both groups. The melgacenses with emigration experiences perceive the existence of a sociocultural separation towards melgacenses without emigration experience: the residents. The sociocultural differentiation is revealed through the acculturation on the second language use, in the “French house” construction and in the economic ostentation. In the use of the foreign language the subjects with emigration experiences perceive themselves as object of acculturation. However on the attribution to this situation they do not see themselves as part of the social tensions, giving relevance to relational factors. In the “French house” issue, they not give too much relevance to labour acculturation. However, it is valorised by key informants and by their professions in the host space and by the education level. In Melgaço to emigrate still means moving up to a better social status. And, in fact, the research subjects with emigration experiences perceive themselves as moving up. The residents behaviour is perceived due envy and not as a redefinition of social positions or by objective conditions grounded on both spaces. Besides, they do not perceive themselves as a source of social tensions; only females, the youngest and the research subjects with university degrees perceive it with more intensity. In spite of relative improvement on live conditions, the economic improvement does not seems to have positive effects; there is a faint technical/professional improve, a decrease of remittances, the investment is done in the host country and the human and the physical desertification are increasing. Therefore, the relation between both spaces is asymmetric, but acculturation is not perceive as a social problem.

Keywords: Emigration, acculturation, sociocultural differentiation, social conflict, asymmetric acculturation.

JEL Codes: J11, J15

1. Enquadramento teórico

O artigo aborda a emigração continental em Melgaço, tendo em consideração as relações intra-grupo, no seio dumha pequena comunidade rural, no concelho mais setentrional de Portugal, assim como as relações entre os espaços de acolhimento e de partida. É entender deste artigo que os fenómenos migratórios transformam as sociedades de modo estrutural (Dias, 1994), constituindo-se como agentes de mudança e não se constituindo apenas como um efeito das alterações, socioeconómicas, políticas ou ambientais (Castles & Miller, 1996; Castles, 2005). As migrações e as relações interculturais conduzem à diversidade cultural e humana (Hoerder, 2002; Manning, 2005) sendo que é a actividade social mediada (Castro J., 2005; Leal, 2004; Vygotsky, 1996, 1998, 2001, 2002; Vygotsky & Luria, 1996) que molda percepção sobre o “mundo”.

No âmbito da psicologia intercultural, a opção bicultural é percebida como sendo a escolha mais adaptativa (Berry, 1993, 1997, 2001, 2006; LaFromboise, Coleman & Gerton, 1993; Nguyen & Benet-Martínez, 2007). No registo cultural da emigração portuguesa continental, segundo Poinard (2004) e Hily e Poinard (2004), os emigrantes portugueses caracterizam-se pelas idas e pelas vindas entre os espaços de partida e de acolhimento. Assim sendo, o prolongamento da estadia no espaço de acolhimento e o retorno periódico a Melgaço, resultariam numa socialização que se caracteriza pela ambiguidade cultural, em ambos os espaços, devido à aculturação. No espaço social de Melgaço, a ambiguidade cultural resulta numa separação sociocultural (A. Gonçalves, 1996; 1998) entre aqueles que têm experiência emigratória e aqueles que não a têm. O biculturalismo dos emigrantes portugueses transforma-se numa problemática, tal como Rocha-Trindade (1976), Alpalhão & Rosa (1980), Brettell (1991), Monteiro (1994), A. Gonçalves (1996; 1998), Cabral (2000), Castro & Marques (2003) e Ramalho (2003), o têm reportado, contrariando a literatura internacional.

Em primeiro lugar, tratou-se de deslindar como se manifestava a separação cultural entre os melgacenses com percursos emigratórios e aqueles que não emigraram, ou seja, os residentes, na tentativa de delimitar a problemática. Para A. Gonçalves

(1996, 1998), a separação sociocultural, em Melgaço, tem como base uma disputa social assente na diferenciação operada entre o capital económico e o capital cultural, esta abordagem escora-se na obra de P. Bourdieu (1992, 1997, 2001). Os melgacenses não emigrantes desvalorizam o capital económico dos emigrantes, apoiando-se no capital cultural, quem mais desvaloriza a ascensão económica e social dos emigrantes eram precisamente os detentores do capital cultural, ou seja, no estudo de A. Gonçalves (1998), os profissionais relacionados com a educação.

Por seu turno, no registo do interacionismo simbólico de G. Mead (2001) e na psicologia do desvio, o comportamento distintivo dos emigrantes poderia ser afigurado do seguinte modo: os emigrantes não cumprem as normas sociais, na sua vertente frequencial porque a socialização não decorre no espaço de vida de Melgaço. E não cumprem as normas na vertente imperativa porque, aquando do regresso temporário, o comportamento aprendido no espaço de acolhimento vai ao desencontro das normas prescritas pelos residentes. Ou seja, é no registo relacional e da actividade social mediada que o conflito se manifesta, pois a socialização secundária é distinta nos emigrantes, sendo que a socialização primária será ainda mais distinta para as segundas gerações de emigrantes (Brettell & Rosa, 1984; Neto, 1985; Rocha-Trindade, 1992). De modo semelhante, recorrendo a Elias e Scotson (1994), apreendeu-se ainda uma outra forma de conflito e de discriminação social. Os autores estudaram uma pequena comunidade britânica, na qual um grupo de operários recém-chegado era rejeitado, não apenas porque era desfavorecido economicamente, mas porque pressupunha uma mudança nas relações sociais. O grupo recém-chegado colocava, pois, em questão o anterior sentido social, construído ao longo de duas ou três gerações. Não era somente a vertente socioeconómica que operava a diferenciação social, mas também a relacional. Ou seja, a partir da obra dos autores, retiramos que é a mera persistência do relacionamento social e da socialização que conduzem à atribuição de sentido social (Berger, 2004; Berger & Luckmann, 2004) a uma comunidade e à, consequente, discriminação dos recém-chegados. Para além da diferenciação étnica, religiosa, de género, económica ou de status social e

da relação entre os dois últimos elementos, teremos ainda que acrescentar a persistência das relações sociais entre os indivíduos, pois estas fomentam a criação de normas sociais, em primeiro lugar, na vertente frequencial e, posteriormente, na prescrita, consolidando os elementos que uma determinada cultura considera como sendo os comportamentos tidos como apropriados ou “normais”.

Por seu turno, de acordo com Wateau (1992, 2000), a vida social no concelho de Melgaço caracteriza-se pela conflitualidade agonística, isto é, por um nível de conflitualidade e de agressividade de baixa intensidade, a qual visa a redefinição das relações sociais de poder, manifestando-se ainda pela inveja e pelo mal-dizer. Pina-Cabral (1984, 1989) realizou uma caracterização semelhante no concelho vizinho de Arcos de Valdevez. Tal como para A. Gonçalves (1996), a atribuição de capital cultural e simbólico a uma fatia da população realiza-se em detrimento da outra parte da população. Segundo Wateau (2000), nos conflitos propiciados pela disputa da água da rega alguns sujeitos atribuem-se direitos de usufruto, recorrendo à “tradição” cultural.

Assim dispondo e resumindo, a diferenciação sociocultural opera através da diferenciação dos recursos económicos, assumindo ainda formas simbólicas e culturais, as quais decorrem da negação do novo estatuto social dos emigrantes e da negação dos elementos culturais introduzidos, apelando para a tradição cultural. A discriminação assume também a forma dum distanciamento relacional, a qual se manifesta pela maliciência e pela inveja. A relação estabelecida entre os dois grupos sociais ganha expressão social nas questões da aculturação: da “língua francesa”, da construção de casas “afrancesadas” e dos gastos ostensivos.

O presente artigo tem como objectivos abordar esse mal-estar social, para além de fornecer dados descriptivos acerca dos percursos emigratórios da emigração portuguesa continental, num momento em que a mesma ganha um novo ímpeto, e ainda de

fornecer informação acerca duma nova problemática da área da aculturação, ou seja, a aprendizagem na aculturação, a qual será útil para centrar o discurso português acerca da aculturação no âmbito da literatura anglo-saxónica. Pretende-se, pois, fornecer resposta às seguintes questões relacionadas com a aculturação e a presumível separação sociocultural entre os melgacenses: Será que os melgacenses com percursos emigratórios percepcionam a separação sociocultural em relação aos conterrâneos que não emigraram? Em que medida é que os melgacenses com experiências emigratórias se sentem aculturados, nomeadamente, através do uso dum língua estrangeira? Será que a socialização secundária, nomeadamente a moldada através da mudança de ocupação laboral, operou a separação sociocultural entre emigrantes e residentes, uma vez que os diferentes espaços de vida implicam diferentes processos de socialização, reflectindo-se esta na construção das casas “afrancesadas”? Será que, aquando do regresso periódico, os melgacenses com experiências emigratórias se apreendem como tendo ascendido socialmente? Qual será a percepção dos melgacenses com percursos emigratórios para o picanço proveniente dos residentes? E, por último, em Melgaço, qual será o resultado da presumível ascensão económica dos melgacenses com percursos emigratórios?

2. Estudo empírico

O objecto da investigação conferiu à investigação o carácter dum estudo de caso. A capacidade de generalização é, pois, reduzida, porém, permite o uso de várias abordagens metodológicas (Yin, 1994). A investigação assume, pois, um carácter qualitativo, quantitativo e descriptivo. As técnicas utilizadas foram: a análise da literatura, o inquérito através dum entrevista semi-estruturada¹, o inquérito por questionário², questionários dirigidos a informantes

¹ Realizaram-se 18 entrevistas a 10 homens e 8 mulheres com idades compreendidas entre os 18 e os 71 anos de idade, 15 deles com experiência emigratória e 3 deles emigrantes.

² Na elaboração do questionário foram utilizados as tipologias presentes na literatura, nomeadamente, o questionário de Gonçalves (1996), o qual se revelou fundamental para a elaboração das questões referentes à separação sociocultural. As questões dos percursos emigratórios pretendem facultar uma dimensão espaço/temporal e uma caracterização (Rocha-Trindade et al., 1995) do fenómeno emigratório, para além dos trabalhos de Rocha-Trindade foram ainda utilizados os trabalhos de Alpalhão e Rosa (1980, 1983), Portela e Nobre (2002) e Neto (1985).

privilegiados³, a observação participante e a não participante, esta última, na medida em que foram feitas fotografias⁴ e gravação em vídeo⁵. Pretendeu-se “... asserir que a cultura e a busca de significados dentro da cultura são as causas genéricas da acção humana.” (Bruner, 1997, p. 30). A técnica amostral é a intencional ou por conveniência. Os questionários foram preenchidos através da técnica bola de neve (Lima, 1995) e através da colaboração de algumas instituições, de entre as quais se devem destacar a escola EB 2,3/S de Melgaço e a Escola Profissional do Alto-Minho interior. As amostras não são representativas nem aleatórias, constituíram-se duas amostras: um grupo amostral de regressados com 163 sujeitos e um de emigrantes com 52 participantes num universo de 9 974 sujeitos (Instituto Nacional de Estatística, 2001), sendo que não é possível saber o número exacto de melgacenses com experiência emigratória (A. Gonçalves, 2004). O questionário divide-se nas seguintes partes⁶: a descrição das características das amostras e dos “percursos emigratórios”. E a separação cultural no registo da aculturação linguística, da separação espacial, da construção das casas “afrancesadas” e nos gastos ostensivos.

2.1 Caracterização sócio-demográfica das amostras

A distribuição da amostra de emigrantes é mais jovem, pois, a média das idades é de 36 anos, face aos 53 anos de idade dos regressados. Nos regressados existem mais homens e nos emigrantes mais mulheres. No que diz respeito à escolaridade, nos regressados, sobressaem os sujeitos com o ensino primário, isto é, 36%. Seguindo-se aqueles que não estudaram com 19%. Os sujeitos com o ensino preparatório e o terceiro ciclo são 11%. Nos emigrantes, o predomínio é do ensino preparatório com 29%. Os licenciados são 14%, em ambas as

amostras, constatando-se que são as mulheres que sobressaem de forma manifesta. As qualificações académicas têm, pois, aumentado, sendo que este acréscimo é notável nas mulheres. O país de destino preferencial, em ambos os grupos amostrais, é a França. Nos emigrantes 83% dos sujeitos encontram-se em França, em detrimento de 68% de regressados que se encontravam em França. A maioria dos sujeitos nasceu em Portugal, sendo que os nascidos em França se têm incrementado de 12% nos regressados para 23% nos emigrantes, ou seja, em Melgaço, o fluxo para França tem-se reproduzido e aumentado.

2.2 Caracterização dos percursos emigratórios

Nas razões para o começo dos percursos emigratórios, 66% dos regressados, consideram a razão económica (Almeida & Barreto, 1974; Brettell, 1984, 1991; Leeds, 1983; Serrão, 1970, 1985) *muito importante*, segue-se a razão familiar com 55% de sujeitos. A dimensão política (Almeida & Barreto, 1974; Brettell, 1984, 1991; Monteiro, 1985; Pereira 1981, 1990, 1993; Rocha, 1965) é desvalorizada, obtendo 14%. Nos emigrantes, a razão predominante é também a económica com 78%. Segue-se a razão familiar, a qual se eleva também para 57%, sendo que são as mulheres quem mais atribuem importância a este item, o que confirma a relevância do reagrupamento familiar (Leandro, 2002, 2004; Rocha-Trindade et al., 1995; V. Santos, 2004).

Nas razões atribuídas para o regresso destacam-se os motivos familiares: 62%. 68% dos regressados emigraram de forma legal e 32% de forma clandestina. Nos emigrantes 88% dos sujeitos emigraram de forma legal. 12% emigraram de modo ilegal, relevando as mudanças políticas (Figueiredo, 2005; Pereira, 1981, 1990, 1993; V. Santos, 2004) ocorridas em Portugal, em 1974, bem como a mudança da relação estabelecida com a sociedade

³ Os questionários dirigidos aos informantes privilegiados foram entregues antes e depois da administração do questionário, na tentativa de centrar a problemática e de obter respostas a questões ainda em aberto. Os questionários dirigiram-se a 12 grupos profissionais e instituições.

⁴ As fotografias pretendiam mostrar diversos estilos arquitectónicos e a sua implicação na questão da “casa afrancesada.”

⁵ A gravação em vídeo pretendia mostrar o predomínio do uso da língua francesa durante o mês de Agosto.

⁶ A entrevista semi-estrutura dispõe duma divisão temática igual ao questionário, sendo que serviu de base para a construção do último, na tentativa de uniformizar as técnicas (Foddy, 1996). A tipologia apresentada apenas pretende fornecer um modelo de análise e não uma análise “realista” da realidade observada (Pires, 2003).

de acolhimento. 69% dos regressados e 76% dos emigrantes obtiveram ajuda para emigrarem através dos familiares. O elemento familiar é especialmente relevante para as mulheres regressadas, pois detém 89% da distribuição, reafirmando a força do reagrupamento familiar. O motivo familiar é também o suporte social para se obter emprego em 55% de ambas as amostras.

Ainda no âmbito da integração social, favorecida pelo âmbito laboral. 75% dos regressados não sentiram dificuldades de *adaptação ao trabalho* e 85% dos emigrantes também não sentiram dificuldades. 90% dos regressados não pertencia a qualquer sindicato, havendo 10% que pertenceram a um sindicato. Essa percentagem tende a diminuir para 80% de sujeitos emigrantes não sindicalizados e 20% de sindicalizados. De entre os regressados, 81%, afirmam que estavam inscritos na segurança social e 19% que não estavam inscritos. A percentagem de inscritos incrementa-se ao ter-se em consideração os emigrantes, pois, estão inscritos 97% dos sujeitos, em detrimento de 3% de não inscritos. Ainda no que diz respeito à integração social no espaço de acolhimento, 78% dos regressados não se sentiu discriminado e aqueles que se sentiram discriminados são 22%. Nos emigrantes, 73% não se sentem discriminados, sendo que 27% se sentem discriminados. Portanto, a percepção de discriminação tem aumentado, conquanto que ligeiramente.

2.3 A separação sociocultural

Após a caracterização dos percursos emigratórios dos melgacenses, no registo da separação sociocultural, em primeiro lugar, tratou-se de confirmar ou infirmar a própria problemática junto dos sujeitos, isto é, será que os melgacenses com percursos emigratórios percepcionam a separação sociocultural em relação aos conterrâneos que não emigraram? Os melgacenses com experiências emigratórias percepcionam a separação sociocultural, sendo que ela se tem incrementado: 44% dos emigrantes e 27% dos regressados dizem que os melgacenses com percursos emigratórios *não são considerados de cá*. A confirmação do conflito também se registou através dos informantes privilegiados: advogados e oficiais de justiça, nas entrevistas prévias e ainda mediante a mera observação participante ou não.

2.3.1 O núcleo comportamental

da aculturação linguística

Assim dispondo, passou-se para as áreas onde a separação sociocultural incide, isto é, a aculturação linguística, a separação espacial e a aculturação operada através da construção da casa “afrancesada” e, por fim, a ostentação económica: no que diz respeito à aculturação linguística, 34% dos regressados e 41% dos emigrantes dizem estar *habituatedos* a falar uma língua estrangeira: 21% dos regressados e 32% dos emigrantes dizem que: . . . são *gozados*. A *exibição* foi considerada *muito importante* por 24% dos regressados e 22% dos emigrantes: 19% dos regressados e 18% dos emigrantes consideram que *falam melhor* a língua estrangeira. Segundo os sujeitos, a aculturação pelo uso da língua estrangeira não se deve aos comportamentos distintivos ou à relação agonística mantida com os residentes; nem tão-pouco aos comportamentos por parte dos emigrantes; senão que à mera exposição e aos relacionamentos adquiridos no país de acolhimento (*porque estão habituatedos*) e, em menor grau, ao comportamento preconizado pelos residentes, uma vez que a opção *gozo* ganha relevância nos emigrantes. Sendo ainda que também é considerado a *exibição*, ou seja, o comportamento dos próprios melgacenses com experiências emigratórias. Os resultados têm, pois, uma componente paradoxal, pois, se, por um lado, os emigrantes se sentem aculturados, por outro lado, não se sentem parte interdependente do conflito social.

2.3.2 O núcleo comportamental

da “casa afrancesada”

A separação sociocultural manifesta-se também, segundo A. Gonçalves (1998), mediante a separação física dos grupos, no entanto, quando auscultados, os sujeitos não atribuem relevância a esta manifestação do conflito: 37% dos regressados e 19% dos emigrantes dizem que os residentes somente *evitam* os emigrantes às vezes. Em Melgaço, não existem espaços naturais a dividir os grupos. No registo espacial, é na questão da aculturação da casa “afrancesada” que a diferenciação se torna notável, pois, para os portugueses a aquisição duma casa

própria é percebida como algo de básico (Instituto Nacional de Estatística, 1999), sendo que a habitação será o reflexo do estatuto social do seu proprietário.

Tratou-se de verificar se os sujeitos atribuíam importância à socialização operada no âmbito laboral, isto é, se os sujeitos se percebiam como aculturados mediante a aprendizagem de novas formas de construção e de como essa aculturação teria contribuído para o conflito social, uma vez que através da observação se pode constatar que não são as diferenças arquitectónicas que fomentam as tensões, pois, algumas pessoas “abastadas” também construíram casas com traços arquitectónicos distintivos dos ditos tradicionais, nos quais se deve incluir a casa dita “brasileira” (Pina-Cabral, 1989; Villanova, Leite & Raposo, 1995). Na análise estatística, os resultados obtidos não se revelaram estatisticamente significados, contudo, cruzando as questões da casa “afrancesada” com algumas das questões obtidas nos percursos emigratórios percebemos que nos regressados, os quais antes de emigrarem eram agricultores e, durante o período emigratório, eram operários, operou-se uma mudança das ocupações laborais e, portanto, uma diferente socialização secundária (Alpalhão & Rosa, 1983; Monteiro, 1985), a qual se reflecte na construção das casas “afrancesadas”. No entanto, cruzando os graus de escolaridade com as profissões dos regressados, a distribuição amostral foi significativa: 75% dos indivíduos com o ensino primário são operários, assim como 52% dos que não estudaram. O que estabelece uma relação, ainda que indirecta, entre a construção da casa “afrancesada” e a aprendizagem facultada pela actividade laboral, até porque 61% dos regressados construíram a casa por si próprios, sendo ainda que nos emigrantes, o valor mais expressivo é ainda a construção por si próprio: 51%. No registo da revisão literária, dos questionários dirigidos aos informantes privilegiados, isto é, aos engenheiros civis, da observação, das entrevistas formais e informais, constatou-se que a construção das casas “afrancesadas” foi também facilitada pela ausência de regras construtivas, pois, apenas, a partir dos anos 80, existiu a intervenção de “especialistas”. Um outro factor é o espírito de entreajuda dos emigrantes (Domingues, 2005; Villanova et al., 1995), o qual também se verifica no espaço de acolhimento. À questão casa é atribuída a menor importância como fonte de conflito social, nomeadamente, do picanço:

6% dos sujeitos regressados e 9% dos emigrantes, ou seja, a questão da casa “afrancesada” deixou de fazer sentido enquanto elemento diferenciador entre os melgacenses com e sem percursos emigratórios.

2.3.3 O núcleo comportamental da aculturação económica

O terceiro núcleo comportamental onde a separação sociocultural e a aculturação se faziam sentir era na ostentação económica (A. Gonçalves, 1996; Castro, F. (1982); Pina-Cabral, 1989; Ribeiro, 1986; Rocha-Trindade, 1986; Sanchis, 1983). Neste núcleo, a primeira interrogação que se colocou foi a de determinar se os melgacenses com experiências emigratórias se percebem como tendo ascendido socialmente. Desta forma, grosso modo, nos regressados, antes de emigrarem, 10% consideravam-se *muito pobres*, actualmente, a percentagem diminui para 1%. Nos actuais emigrantes, antes de emigrarem, 37% consideravam-se pobres, actualmente, a percentagem diminui para 9%. Entre o antes e o depois dos percursos emigratórios, verifica-se, pois, uma melhoria relativa das ocupações laborais. No entanto, é necessário contextualizar que as percepções se ajustam às expectativas de ostentação (Rocha-Trindade, 1998) e à percepção do que será considerado uma mobilidade social ascendente num meio economicamente desfavorecido, ou seja, Melgaço. Por outro lado, conquanto a percepção duma mobilidade social ascendente, ela é contraditória com as ocupações profissionais mantidas no espaço de acolhimento. Isto porque comparando os regressados com os actuais emigrantes: os operários e artífices descem de 56% dos regressados para 39% dos emigrantes. O grupo dos serviços e vendedores obteve um aumento expressivo: 24%, quando nos regressados eram 14%. 12% ainda ocupam profissões não qualificadas e na sua maioria são mulheres. É ainda curioso constatar, no entanto, que 12% das mulheres são, agora, especialistas das profissões intelectuais e científicas. Em suma, conquanto a diminuição dos operários e das trabalhadoras não qualificadas e da transferência de mão-de-obra para os serviços e do aumento das profissões intelectuais, as profissões dos melgacenses com experiências emigratórias mantêm-se, de modo global, pouco valorizadas socialmente. A mobilidade social parece remeter-se para a horizontal, isto é, no interior da mesma classe

ou grupo profissional, e para a intergeracional, sendo, no entanto, esta última ainda insuficiente.

Mas, o que terá sucedido no espaço de partida, isto é, em Melgaço, isto é, qual será o resultado da presumível ascensão económica dos melgacenses com percursos emigratórios? Assim dispondo, sabe-se que 43% dos regressados poupavam *metade* do salário auferido, contra 24% dos emigrantes; 21% regressados *menos de metade*, para 24% dos emigrantes; 20% dos regressados poupava um *quarto*, face a 38% dos emigrantes. Ou seja, verifica-se uma diminuição da poupança, favorecendo o espaço de acolhimento, em detrimento de Melgaço. Estes resultados foram corroborados pelos informantes privilegiados, isto é, ex-funcionários bancários com longa experiência no concelho. Por outro lado, é de destacar que 80% dos regressados não aplicava as suas poupanças no país de acolhimento e que 52% dos emigrantes responderam afirmativamente, quando nos regressados a percentagem era de somente 20%.

Assim dispondo, os efeitos da emigração parecem começar a ser assimétricos para a comunidade de pertença, uma vez que os vínculos tendem a enfraquecer-se, resultando na não poupança e no desinvestimento na terra natal. Por outro lado, apesar da idade média dos regressados ser de 45 anos, aquando do regresso, estes não pretendem investir em qualquer negócio. Os melgacenses com experiência emigratória relacionam o percurso emigratório com a ascensão económica e social e os gastos ostensivos subjacentes, isto porque 59% dos regressados e 74% dos emigrantes associam os gastos excessivos à ascensão social. Os gastos ostensivos poderão, pois, tal como no passado, fomentar a reprodução do fluxo emigratório (Rocha-Trindade, 1986). Por outro lado, a expectativa generalizada do emigrante dever ostentar, poderá fazer com que o emigrante ainda mostre comportamentos de ostentação. Em qualquer caso, a ostentação tende a reproduzir o fluxo emigratório, pois fornece uma valência positiva à emigração. Em suma, apesar da melhoria das condições de vida, o impacto no concelho é pobre, propiciando a desertificação física e humana⁷ (A. Gonçalves, 2004). Se a emigração se afigura como uma solução para os problemas imediatos duma comunidade,

quando se prologa no tempo, ela se estrutura como um dos seus problemas fundamentais e não a sua solução (Figueiredo; 2005; Nunes, 2000). No que diz respeito ao conflito social propiciado pelos gastos ostensivos, verifica-se que, actualmente, Portugal, é também uma sociedade consumista, não sendo, pois o comportamento e a aculturação a despoletar a separação sociocultural, mas antes a relação social estabelecida na sociedade Melgacense, a qual opera através do conflito social, tornando os emigrantes, devido, às suas diferenças culturais, alvos do maldizer e da inveja.

3. Conclusão

Por fim, no registo do conflito social e como súmula dos três núcleos comportamentais, tratou-se de saber qual seria a percepção dos melgacenses com percursos emigratórios para o picanço proveniente dos residentes, isto é, as razões para o conflito social. E de entre elas destaca-se a inveja. O factor monetário é, por sua vez, relevante nos emigrantes, reafirmando que este é ainda um factor de conflito e revelando as diferenças económicas entre os espaços. Os comportamentos agonísticos dirigidos aos residentes são percepcionados com maior intensidade junto dos emigrantes, no que diz respeito a *não sabiam gozar as férias e eram ignorantes*. Contudo, os valores dos comportamentos agonísticos auto-atribuídos são ainda mais intensos junto dos emigrantes, até porque são eles próprios que mais se consideram “barulhentos”. Os emigrantes têm ainda em maior consideração as diferenças culturais entre ambos os grupos. A problemática da língua é também mais destacada junto dos emigrantes. Contudo, em ambas as amostras, as razões são alheias à aculturação linguística, à questão da casa “afrancesada”, uma vez que serão a inveja e o maldizer os impulsionadores do conflito e não o comportamento de ambos os grupos.

A ambiguidade cultural decorre da relação entre os espaços e do prolongamento da estadia. A par da característica de vaivém que a emigração portuguesa dispõe, não se assiste, no entanto, a uma separação sociocultural, mas, antes a uma crescente desvinculação face (M. Gonçalves, 2002; Villanova, Leite & Raposo, 1995) ao já exaurido espaço de partida. O conflito sociocultural é transversal aos

⁷ A população decresceu de 18211 pessoas, em 1960, para 9974 em 2001 (Instituto Nacional de Estatística, 2001).

melgacenses, sendo que ele decorre no espaço/tempo de Melgaço e ainda que as razões que fomentam os processos de discriminação, apontadas aquando da delimitação da problemática se juntam, tendo como alvo preferencial os de fora, isto é, os emigrantes, sendo que a aculturação como fonte de conflito social é desvalorizada pelos sujeitos.

Na psicologia intercultural, os processos de aculturação deverão ter em conta aspectos dinâmicos e situacionais, tais como as motivações (Chirkov, Vansteenkiste, Tao & Lynch, 2007; Deci & Ryan, 2008), os custos e os benefícios da decisão de emigrar, centrando-se nos processos de aculturação, isto é, não desvirtuando a própria definição de aculturação, a qual pressupõem o contacto intercultural e as mudanças subjacentes em ambas (ou mais) culturas em contacto, ou seja, processos mútuos de mudança e de aprendizagem (Sam & Oppedal, 2002), sendo que esta última, de resto, é uma das questões fundadoras da psicologia. Trata-se, em poucas palavras, de retirar conteúdo ideológico às opções de investigação, inclusivamente, quando estas tendem para a posição liberal e para a diversidade cultural, tal como Rudmin (2003, 2009) tem apontado no sentido de recentrar o estudo dos processos de aculturação, sendo inclusivo com o modelo de Berry (Berry, Kim, Minde & Mok, 1987; Berry, Poortinga, Segall & Dasen, 1992; Berry & Sam, 1997), o qual assenta em quatro preferências culturais: assimilação, separação, integração e na marginalização. A viragem para os processos de aprendizagem retira, pois, o carácter ideológico ao estudo da aculturação, sendo que a diferenciação socioeconómica deverá ser considerada uma variável interveniente, assim como a percepção da discriminação. Neste sentido, a vertente da aculturação linguística lograria uma abordagem centrada na aquisição da segunda língua, assim como a casa afrancesada ganharia uma abordagem focalizada nos processos de aprendizagem operados na socialização secundária (Dubar, 1991) ou ainda o núcleo comportamental dos gastos ostensivos. Os processos de aprendizagem deverão centrar-se na obra de Bandura (Bandura, Ross & Ross, 1961; Bandura, 1963, 1969) e na sua teoria da aprendizagem social (Bandura, 2009). Rudmin (2009) propõe quatro formas de aprendizagem intercultural: a instrução, a recolha de informação, a imitação e o mentoring, recentrando o estudo da aculturação em algo de intrínseco à

psicologia, ou seja, a aprendizagem. De acordo com Ward (2004), a aprendizagem cultural constitui-se como uma das três principais abordagens da aculturação, sendo que as restantes são o modelo de coping de Berry e a identidade étnica (Phinney, 2003). Caberá à investigação realizada, na historicamente fértil cultura portuguesa, verter o trabalho científico para estes campos, acrescentando-o à obra de Neto (1984, 1986, 1987, 1993, 1997, 2010).

4. Referências bibliográficas

- Almeida, C & Barreto, A. (1974). *Capitalismo e emigração em Portugal*, (2º Ed.). Lisboa: Prelo.
- Alpalhão, J & Rosa, V. (1980). *A minority in a changing society*. Ottawa: University of Ottawa Press.
- Alpalhão, J & Rosa, V. (1983). *Da emigração à aculturação: Portugal insular e continental no Quebeque*. Angra do Heroísmo: Secretaria Regional da Educação e Cultura.
- Bandura, A. (1963). The role of imitation in personality development. *The Journal of Nursery Education*, Vol. 18, nº 3.
- Bandura, A. (1969). Social-learning theory of identificatory process: In D. A. Goslin, (Ed.). *Handbook of socialization theory and research*. Chicago: Rand McNally & Company.
- Bandura, A., Ross, D & Ross, S. A. (1961). Transmission of aggression through imitation of aggressive models. *Journal of Abnormal and Social Psychology*, 63. 575-582.
- Bandura, A. (2009). *Psychological modeling: Conflicting theories*. New Jersey: Transaction Publishers.
- Berger, P. (2004). *Perspectivas sociológicas: Uma visão humanista*, (16º Ed., D. M. Gershagen, Trad.). Petrópolis: Editora Vozes.
- Berger, P & Luckmann, T. (2004). *Modernidade pluralismo e crise de sentido. A orientação do homem moderno*, (E. Orth, Trad.). Petrópolis: Editora Vozes.
- Berry, J. W. (1993). Ethnic identity in plural societies. In M. E. Bernal & G. P. Knight (Ed.), *Ethnic identity: Formation and transmission among Hispanics and other minorities*. Albany: State University of New York Press.
- Berry, J. W. (1997). Immigration, acculturation, and adaptation. *Applied Psychology. An International review*, 46 (1), 5-68.
- Berry, J. W. (2001). A Psychology of immigration. *Journal of social issues*, vol. 57, nº 3, 615-631.
- Berry, J. W. (2006). Context of acculturation. In D. L. Sam & J. W. Berry (Eds), *The Cambridge Handbook of Acculturation Psychology* (pp. 27-42). Cambridge: Cambridge University Press.
- Berry, J. W., Kim, U., Minde, T & Mok, D. (1987). Comparative study of acculturative stress. *International Migration Review*, 21, 491-511.
- Berry, J. W., Poortinga, Y. H., Segall, M. H & Dasen, P. R. (1992). *Cross-cultural Psychology research and applications*, 2º (Ed.). Cambridge: Cambridge University Press.
- Berry J. W & Sam D. L. (1997). Acculturation and adaptation. In Berry, J. W., Poortinga Y. H., Pandey, J, Dasen, P.R. Saraswathi, T S. Segall, M. H, kagitçibasi, C., *The Handbook of Social Psychology*, 2º (Ed), Vol. 3. Boston: Allyn & Bacon.

- Brettell, C. (1984). Emigration and underdevelopment: The causes and consequences of portuguese emigration to France in historical and cross-cultural perspective. Em T. Bruneau, V. Rosa & A. Macleod (Ed.), *Portugal in development: Emigration, industrialization, the European Community* (pp. 65-81). Ottawa: University of Ottawa Press.
- Brettell, C. (1991). *Homens que partem mulheres que esperam: Consequências da emigração numa freguesia minhota* (1º Ed., A. Tello, Trad.). Lisboa: Publicações Dom Quixote.
- Bourdieu, P. (1992). *A economia das trocas simbólicas*, (3º Ed., S. Miceli, S. Prado, & W. Vieira, Trad.). São Paulo: Editora Perspectiva.
- Bourdieu, P. (1997). *Razões práticas: Sobre a teoria da acção*, (M. S. Pereira, Trad.). Oeiras: Celta Editores.
- Bourdieu, P. (2001). *O que fala quer dizer: As estruturas sociais da economia*, (W. Anastácio, Trad.). Álges: Difel Editora.
- Bruner, J. (1997). *Actos de significado: Para uma psicologia cultural*, (V. Prazeres, Trad.). Lisboa: Edições 70.
- Cabral, A. (2000). *Entre a multiculturalidade e a interculturalidade: Portugueses em França*. Porto: Edições Universidade Fernando Pessoa.
- Castles, S. & Miller, M. (1996). *The age of migration: International population movements in the modern world*. London: Macmillan Press.
- Castles, S. (2005). *Globalização, transnacionalismo e novos fluxos migratórios: Dos trabalhadores convidados às migrações globais*, (F. Ágoas, Trad.). Lisboa: Fim de Século.
- Castro, F. (1982, [1928]). *Emigrantes* (22º Ed.). Lisboa: Guimarães Editora.
- Castro J. (2005). Eco e Narciso no modelo relacional-dialógico. *Jornal de Psicologia Clínica*, Vol. 5, nº 18. Lisboa: Instituto de Psicologia Aplicada e Formação.
- Castro, J & Marques, A. (2003). *Emigração e contrabando*. Melgaço: Centro Desportivo e Cultural de São Paio.
- Chirkov, V., Vansteenkiste, M., Tao, R., & Lynch, M. (2007). The role of self-determined motivation and goals for study abroad in the adaptation of international students. *International Journal of Intercultural Relations*, 31, 199–222.
- Deci E. L. & Ryan R. M. (2008). Self-Determination Theory: A Macrotheory of Human Motivation, Development, and Health. *Canadian Psychology*, Vol. 49, nº3, 182–185.
- Dias, J. (1994). *Estudos de antropologia*, Vol. 2. Lisboa: Imprensa Nacional Casa da Moeda.
- Domingues, M. (2005). *O pegureiro e o lobo: Estórias de Castro Laboreiro*. Melgaço: Núcleo de Estudos e Pesquisa dos Montes Laboreiro.
- Dubar, C. (1991). *La socialisation: Construction des identités sociales et professionnelles*. Paris: Armand Collin Éditeur.
- Elias, N. & Scotson, J. (1994). *The established and the outsiders: A sociological enquiry into community problems*, (2º Ed.). London: Sage Publications.
- Figueiredo, J. (2005). *Fluxos migratórios e cooperação para o desenvolvimento: Realidades compatíveis no contexto Europeu?* Lisboa: Alto-Comissariado para a Imigração e Minorias Étnicas.
- Foddy, W. (1996). *Como perguntar: Teoria e prática da construção de perguntas em entrevistas e questionários*, (L. Campos, Trad.). Oeiras: Celta Editores.
- Gonçalves, A. (1996). *Imagens e clivagens: Os residentes face aos emigrantes*. Porto: Edições Afrontamento.
- Gonçalves, A. (1998). O movimento da discordia: O trabalho simbólico na mobilidade social. *Antropológicas*, nº 2, 101-105.
- Gonçalves, A. (2004). Emigração e envelhecimento na periferia: O caso do concelho de Melgaço. Em *Actas das quintas jornadas de história local*, (pp. 61-71). Fafe: Câmara Municipal de Fafe.
- Gonçalves, M. (2002). Agosto em Portugal: As férias dos emigrantes. *Cadernos do Noroeste*, Vol. 18, nº 1-2, 113-123.
- Hily, M & Poinard, M. (2004). Fonctions et enjeux du mouvement associatif portugais en France. *Revue Européenne des Migrations internationales*, Vol. 4, 25-35. Consultado em 02 Agosto de 2006, disponível em www.remi.revues.org.
- Hoerder, D. (2002). *Cultures in contact: World migrations in the second millennium*. Durham: Duke University Press.
- Instituto Nacional de Estatística. (1999). *Projecto habitação: Características do parque habitacional*. Consultado em 11 de Maio de 2006, disponível em www.ine.pt.
- Instituto Nacional de Estatística. (2001). *Censos 2001: Resultados preliminares para a região Norte*. Consultado em 12 de Maio de 2006, disponível em www.ine.pt.
- LaFromboise, T., Coleman H. L. K & Gerton, J. (1993). Psychological impact of biculturalism : Evidence and theory. *Psychological Bulletin*, Vol. 114, nº 3, 395-412.
- Leal, M. (2004). *Introdução ao estudo dos processos de socialização precoce da criança*. São Paulo: Instituto de Psicologia Aplicada e Formação.
- Leandro, M. (2002). Reinserção familiar no centro das antinomias dos processos migratórios internacionais. Um estudo de caso em situação de regresso. *Cadernos do Noroeste*, Vol. 18, nº 1-2, 25-73.
- Leandro, M. (2004). Dinâmica social familiar dos projectos migratórios: Uma perspectiva analítica. *Análise social*, Vol. 39, nº 170, 93-118.
- Leeds E. (1983). Industrialização e emigração em Portugal: sintomas inevitáveis de uma doença estrutural. *Análise Social*, Vol. XIX, 1045-1081.
- Lima, M. (1995). *Inquérito sociológico: Problemas de metodologia*, (4º Ed.). Lisboa: Editorial Presença.
- Manning, P. (2005). *Migration in world history*. New York: Routledge.
- Mead, G. (2001). *Mind, self, society: From standpoint of a social behaviourist*. Chicago: University of Chicago Press.
- Monteiro, P. (1985). *Terra que já foi terra: Análise sociológica de nove lugares agro-pastoris da serra da Lousã*. Lisboa: Edições Salamandra.
- Monteiro, P. (1994). *Emigração: O eterno mito do retorno*. Oeiras: Celta Editora.
- Neto, F. (1984), *A Migração portuguesa vivida e representada. Contribuição para o Estudo dos Projectos Migratórios*, Universidade do Porto, Porto (Tese de Doutoramento).
- Neto, F. (1985). *Jovens portugueses em França*. Porto: Edições Jornal de Psicologia do Porto.
- Neto, Félix (1986), *A migração portuguesa vivida e representada. Contribuição para o estudo dos projectos migratórios*. Porto: Secretaria de Estado das Comunidades Portuguesas.

- Neto, Félix (1987). "Migração portuguesa: informação e atitude, elementos constitutivos das representações juvenis", *Cadernos de Ciências Sociais*(5), pp. 3-33.
- Neto, Félix (1993). "Conhecimento dos estereótipos sexuais em filhos de ex-migrantes portugueses regressados a Portugal", *Revista Portuguesa de Psicologia* (29), pp. 65-79.
- Neto, F. (1997). "Gender stereotyping in Portuguese children living in Portugal and abroad: effects of migration, age and gender", *International Journal of Behavioral Development*, 20(2), pp. 219-229.
- Neto, Félix (2010). "Re-acculturation attitudes among adolescents from returned Portuguese immigrant families", *International Journal of Intercultural Relations*, 34(3), pp. 221-232.
- Nguyen, A-M. D. & Benet-Martínez, V. (2007). Biculturalism Unpacked: Components, Measurement, Individual Differences, and Outcomes. *Social and Personality Psychology Compass*, 1(1), 101-114.
- Nunes, A. (2000). *Antologia sociológica*. Lisboa: Instituto de Ciências Sociais.
- Pereira, M. (1981). *A política portuguesa de emigração: 1859-1930*. Lisboa: A Regra do Jogo.
- Pereira, M. (1990). Algumas observações complementares sobre a política de emigração portuguesa. *Análise Social*, Vol. 25, nº 108-109, 735-739.
- Pereira, M. (1993). Liberdade e contenção na emigração portuguesa, 1850-1930. Em *Emigração, imigração em Portugal*. Algés: Editora Fragmentos.
- Phinney, S. J. (2003). Ethnic identity and acculturation. In K. M. Chun, P. B. Organista & G. Marín, *Acculturation: advances in theory, measurement and applied research* (pp. 63-82). Washington DC: American Psychological Association.
- Pina-Cabral, J. (1984). Comentários críticos sobre a casa e a família no Alto-Minho. *Análise Social*, Vol. 20, nº 81-82, 263-284.
- Pina-Cabral, J. (1989). *Filhos de Adão, filhas de Eva: A visão do mundo campesina do Alto-Minho*, (Valverde, Trad.). Lisboa: Dom Quixote.
- Pires, R. (2003). *Migrações e integração: Teoria e aplicações à sociedade portuguesa*. Oeiras: Celta Editora.
- Poinard, M. (2004). La politique d'un pays d'origine: Le Portugal. Em *Revue Européenne des Migrations internationales*, Vol. 4, 187-202. Consultado em 02 de Agosto de 2006, disponível em www.remi.revues.org.
- Ramalho, J. (2003). *Desenvolvimento da autonomia e da identidade, nos jovens portugueses com experiência migratória*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Ribeiro, C. (1986a). *Sinais exteriores de riqueza (contos que a emigração contou)*. Porto: Secretaria de Estado das Comunidades Portuguesas.
- Rocha, N. (1965). *A imigração dolorosa*. Lisboa: Editora Odisseia.
- Rocha-Trindade M. B. (1976). Comunidades migrantes em situação bipolar: *Análise Social*, vol. XII, (48), 983-997.
- Rocha-Trindade, M. B. (1986). Refluxos culturais da emigração portuguesa para o Brasil. *Análise social*, Vol. 22, nº 90, 139-159.
- Rocha-Trindade, M. B. (1998). Les temps mythiques des migrations. Em M. Rocha-Trindade & F. Raveau (Org.), *Presença portuguesa en France* (pp. 25-38). Lisboa: Universidade Aberta.
- Rocha-Trindade, M., Cordeiro, A., Horta, A., Madeira, A., Rego, M., Viegas, T. (1995). *Sociologia das migrações*. Lisboa: Universidade Aberta.
- Rudmin, F. (2003). Critical history of the acculturation psychology of assimilation, separation, integration and marginalization. *Review of General Psychology*, Vol. 7, nº 1, 3-37.
- Rudmin, F. (2009). Constructs measurements and models of acculturative stress. *Internacional Journal of Intercultural Relations*, 33, 106-123.
- Sam, D. L., & Oppedal, B. (2002). Acculturation as a developmental pathway. In W. J. Lonner, D. L. Dinnel, S. A. Hayes, & D. N. Sattler (Eds.), *Online Readings in Psychology and Culture* (Unit 8, Chapter 6), (<http://www.ac.wvu.edu/~culture/index-cc.htm>), Center for Cross-Cultural Research, Western Washington University, Bellingham, Washington USA.
- Sanchis, P. (1983). *Arraial: Festa de um povo. As romarias portuguesas*, (1º Ed., J. P. Brito, Trad.). Lisboa: Publicações Dom Quixote.
- Santos, V. (2004). *O discurso oficial do Estado sobre a emigração dos anos 60 e 80 e imigração dos anos 90 à actualidade*. Lisboa: Alto-Comissariado para a Imigração e Minorias Étnicas.
- Serrão, J. (1970). Conspecto histórico da emigração portuguesa. *Análise social*, 32 (8), pp. 597-617.
- Serrão, J. (1985). Notas sobre emigração e mudança social no Portugal Contemporâneo. *Análise Social*, vol. XXI, 995-1004.
- Villanova, R., Leite, C & Raposo, I. (1995). *Casas de sonho*. Lisboa: Edições Salamandra.
- Vygotsky, L. (1996). *Teoria e método em psicologia* (C. Berliner, Trad.). São Paulo: Martins Fontes.
- Vygotsky, L. (1998). *O desenvolvimento psicológico na infância*, (C. Berliner, Trad.). São Paulo: Martins Fontes.
- Vygotsky, L. (2001). *A construção do pensamento e da linguagem* (P. Bezerra, Trad.). São Paulo: Martins Fontes.
- Vygotsky, L. (2002). *A formação social da mente* (C. Berliner, Trad.). São Paulo: Martins Fontes.
- Vygotsky, L & Luria, A. (1996). *Estudos sobre a história do comportamento: Símos, homem primitivo e criança* (L. L. Oliveira, Trad.). Porto Alegre: Artes Médicas.
- Ward, C. (2004). Psychological theories of culture contact and their implications of intercultural training and interventions. In D. Landis, J. M. Bennett, M. J. Bennett, *Handbook of intercultural training*, (pp. 185-216). London: Sage publication.
- Wateau, F. (1992). Relations familiales et villageoises en période d'irrigation: Essai d' analyse des conduites de sociabilité dans une vallée minhote. Em M. Belchior, (Dir.). *Ethnologie du Portugal: Unité et diversité*, (pp. 213-223). Paris: Centre Culturel Calouste Gulbenkian.
- Wateau, F. (2000). *Conflito e água de rega: Ensaio sobre a organização social no vale do Minho*. Lisboa: Publicações Dom Quixote.
- Yin, R. (1994). *Case study research: Design and methods*, (2º Ed.). London: Sage Publications.